

O TESTAMENTO DE GLAUBER

RICARDO MIRANDA

DA EQUIPE DO CORREIO

Rio de Janeiro – O texto abaixo é um poema escrito pelo cineasta Glauber Rocha para a filha Paloma, no Natal de 1965. Ela só o descobriu recentemente, depois de sair da TV Globo, entrar de cabeça no projeto Tempo Glauber (fundado pela mãe do artista, Lucia Rocha) e se dedicar integralmente a resgatar a memória do pai. “Foi um recado dele para mim”, disse ela.

“À minha filha Paloma
neste Natal distante
não ofereço presentes
apenas o simples instante
de amor.
Não desejo que uma lenda,
Paloma, guie teus passos, e nem
que sejas fiel a um nome
devastado demais; e a nada sigas
senão a teu sentimento
e razão.”

Em tempos de remakes, seqüências e making of, signos do padrão cinematográfico ditado por Hollywood, aquele que mais simbolizou a narrativa anticonvencional e a estética marginal ao mercado, ganha um fiel escudeiro para sua quixotesca obra-prima *A idade da Terra*. Não foi sem sofrimento, mas com um tremendo alívio, que Paloma Rocha e Joel Pizzini pariram o documentário *Anabazys*, um inventário sobre a gênese e a ressonância do último filme do genial cineasta Glauber Rocha, que em 1980 sinalizou para a revolução audiovisual contemporânea, filmando em Brasília, Salvador e Rio de Janeiro as quatro encarnações de Cristo – pescador, negro, conquistador português e guerreiro-ogum de Lampião – para projetar sua idéia de uma religião transformadora e utópica. Os quatro Cavaleiros do Apocalipse que ressuscitam o Cristo no Terceiro Mundo, como descreveu o próprio Glauber.

Anabazys – ascensão, em grego –, nome com que Glauber pensou em batizar sua produção, não é nada do que aparenta à primeira vista. Concebido como um documentário para acompanhar a versão em DVD de *A idade da Terra*, restaurado com o patrocínio da Petrobras, não é um making of, um trailer ou uma homenagem tardia. Tem vida própria e montagem diferenciada. Permite que Glauber entre em seu filme ao mostrar gravações de diálogos inéditos do diretor – com sua dicção deliciosamente delirante –, extraídas das 60 horas encontradas do material bruto não aproveitada na montagem final.

“É um filme de arquivo, de reciclagem, que tem a verve do Glauber. Usamos sobras do material de *A idade da Terra* para o Glauber poder contar a própria história. Ele foi muito massacrado, incompreendido. É a versão do Glauber sobre o último período de vida dele. Nesse sentido, *Anabazys* é um escudeiro da obra de Glauber. É, ao mesmo tempo, sua voz e seu testamento”, explica a filha e diretora Paloma.

“Enquanto fazíamos, deixou de ser um filme só sobre *A idade da Terra* para ser um filme sobre o pensamento de Glauber”, concorda o outro diretor, Joel Pizzini. Tanto que *Anabazys*, primeira coprodução de longa do Canal Brasil e do Centro Técnico do Audiovisual (CTAV), usa cenas de quase todos os outros filmes de Glauber, inclusive *Cabeças cortadas* e *Câncer*, rodado antes das filmagens de *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*. “É um esforço de preservação, mas, sobretudo, de recriação de memória. Muita coisa foi encontrada no lixo, em porões, numa arqueologia de um passado destruído, em ruínas”, lembra Paloma.

Tempo Glauber/Divulgação



GLAUBER ROCHA EM CENA: OBRA DESTRINCHA AS OUSADIAS DE UM CINEASTA QUE MORREU CONSUMIDO PELA SEPTICEMIA E PELA INCOMPREENSÃO

Ricardo Miranda/Especial para o CB



LUCIA ROCHA, PALOMA E JOEL PIZZINI: ESFORÇOS PARA PRESERVAR A MEMÓRIA DO CINEMA NOVO

Luz tropical

“Brasília é um dos personagens do filme”, ressaltava Pizzini. Em 1975, de volta do exílio, baqueado com a morte da irmã, a atriz Anecy Rocha, e esperando a Embrafilme liberar o dinheiro para produzir *A idade da Terra*, Glauber mudou-se para Brasília, convidado pelos jornalistas Fernando Lemos e Oliveira Bastos. Na época, o cineasta escreveu para o *Correio Braziliense*. Glauber ficou encantado com Brasília e, em discurso mostrado no documentário, reflete a capital como o ponto futuro do país. O diretor de fotografia de *A idade da Terra*, Pedro de Moraes, conta que Glauber pedia ao câmera Johnny Howard para tirar os filtros do equipamento para captar melhor a luz dos trópicos.

Vem a declaração de apoio ao general-presidente Ernesto Geisel, a conversa com Golbery do Couto e Silva, o aperto de mão com João Figueiredo, gestos de quem antevia a abertura, mas que imolaram-no politicamente. “Eu brigo com a direita e com a esquerda. Tem que se formar uma nova ordem ideológica e estética e meu cinema tem justamente essa função”, discursava Glauber, no filme. A família até hoje se revolta com o policiamento da classe – logo sobre ele, que mais de uma vez precisou se exilar para continuar seu trabalho.

Foi em Portugal, no sombrio agosto de 1981, que uma pneumonia virou septicemia, levando Glauber à morte. “Prefiro ser um cadáver a um desses mortos vivos que andam por aí”, dizia. A incompreensão,

dizem os familiares, deixava Glauber literalmente doente. “Isso virava vômito de sangue. Sem dúvida, encurtou a vida dele”, diz Paloma. “Não dá para discutir a sua vida, sua cultura, dentro de esquematismos de um plano e um contraplano onde está tudo voltado, como dizia Glauber, para explorar o público”, define Paloma, quase incorporando o pai.

A língua afiada de Glauber está em todos os momentos de *Anabazys*, onde a todo instante se ouve o seu famoso “gravandooooo”, dobrando bem o “r”. Em Salvador, onde as filmagens de *A idade da Terra* sofreram interdições, é hilário um bate-boca com seguranças do Museu de Arte Sacra da Bahia, onde as filmagens são proibidas.

– Você está me ameaçando – berra Glauber.
– Calma, meu filho...
– Não me chame de “meu filho”! Eu me chamo Glauber Rocha!

O maior elogio que Paloma Rocha ouviu a *Anabazys* foi também o que mais lhe doeu. “Se vocês tivessem feito esse filme antes de 1981, Glauber não teria morrido”, disse o cineasta Paulo César Saraceni, amigo de Glauber. Paloma foi às lágrimas. “Você quer o quê, Paulo? Que eu me debulhe?”, respondeu. Trinta anos depois, o filme virou uma catarse familiar. “De fato, é real para mim, Paloma, o sentimento de uma filha que perdeu o pai e que presenciou todos esses ataques a ele. E reencontrando esse material eu senti a grande chance de fazer essa defesa”, reconhece.

Corte angustiante

O documentário também lembra as ousadias do autor, como a música tocada ao vivo e seu jeito visionário, que antecipava a era digital por meio do uso de três montadores ao mesmo tempo. São 11 núcleos autônomos, como proposto por Glauber, que abordam desde a concepção, a interpretação, os figurinos e a trilha sonora até a polêmica provocada pelo filme no Festival de Veneza, sacudida com o furacão Glauber justamente quando a Europa enterrava o cinema de autor.

“As coisas acontecem numa velocidade tão grande que a gente nem tem tempo de planejar”, explica Paloma, que ao mesmo tempo em que restaurava *A idade da Terra* e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, editava *Anabazys* para o Festival de Brasília – um “angustiante” corte de duas horas e 40 minutos, tamanho da cópia apresentada no último Festival de Veneza e mantida no DVD duplo, para os atuais 98 minutos. Agora, Paloma tenta fazer um documentário sobre cada longa. O primeiro foi *Depois do transe*, sobre *Terra em transe*, lançado em DVD no ano passado. Já está quase pronto *Milagres*, nome do município baiano onde foi filmado *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*. Entre as preciosidades, um depoimento de 30 minutos do cineasta norte-americano Martin Scorsese.

O documentário *Canto santo*, por sua vez, contará a história por trás de *Barravento*, parceria de Glauber com Nelson Pereira dos Santos. E assim por diante. Mas isso tudo depende, claro, de apoio financeiro. “Se tivéssemos dinheiro, seria um para cada filme. São 10 longas. Material a gente tem de sobra”, diz Paloma.

ANABAZYS

Documentário de Paloma Rocha e Joel Pizzini (Brasil, 90min). Sessões hoje, às 20h30 e 23h30, no Cine Brasília (106 / 107 Sul), pela Mostra Competitiva em 35mm do 40º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Ingressos: R\$ 6 e R\$ 3 (meia).

LEIA MAIS SOBRE O FESTIVAL DE CINEMA NAS PÁGINAS 3 A 5